



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Faculdade de Educação-UAB/UnB/MEC/SECAD

III Curso em Especialização em Educação na Diversidade e Cidadania com Ênfase em EJA

ÁLISSON RAFAEL DE SOUSA LOPES

A CAPOEIRA COMO INSTRUMENTO DE CIDADANIA E DIVERSIDADE NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

BRASÍLIA, DF

Outubro/2015

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
Faculdade de Educação-UAB/UnB/MEC/SECAD
III Curso em Especialização em Educação na Diversidade e Cidadania com ênfase em EJA

A CAPOEIRA COMO INSTRUMENTO DE CIDADANIA E DIVERSIDADE NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

ÁLISSON RAFAEL DE SOUSA LOPES

PROFESSOR ORIENTADOR: ME DANUBIA RÉGIA DA COSTA
TUTOR ORIENTADOR: MARIA DO SOCORRO SILVA LINHARES

PROJETO DE INTERVENÇÃO

BRASÍLIA, DF
Outubro/2015

Lopes, Álisson Rafael de Sousa.

A capoeira como instrumento de cidadania e diversidade na Educação de Jovens e Adultos. Álisson Rafael de Sousa Lopes. – Brasília, 2010.

Trabalho de conclusão do Curso de Especialização em Educação na Diversidade e Cidadania, com Ênfase em EJA, como parte dos requisitos necessários para obtenção do grau de Especialista na Educação de Jovens e Adultos.

1. Capoeira. 2. Cidadania 3. Diversidade.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
Faculdade de Educação-UAB/UnB/MEC/SECAD
III Curso em Especialização em Educação na Diversidade e Cidadania com ênfase em EJA

ÁLISSON RAFAEL DE SOUSA LOPES

A CAPOEIRA COMO INSTRUMENTO DE CIDADANIA E DIVERSIDADE NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Trabalho de conclusão do Curso de
Especialização em Educação na
Diversidade e Cidadania, com Ênfase em
EJA, como parte dos requisitos
necessários para obtenção do grau de
Especialista na Educação de Jovens e
Adultos

Me. DANÚBIA RÉGIA DA COSTA
Professora Orientadora

Esp. MARIA DO SOCORRO SILVA LINHARES
Tutora Orientadora

Me. SAULO PEQUENO NOGUEIRA FLORÊNCIO
Avaliador Externo

BRASÍLIA, DF
Outubro/2015

Dedico à minha família, especialmente pelo apoio na realização deste trabalho e a todos capoeiristas que lutam pela preservação da cultura brasileira.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Oxalá e a professora Orientadora Me Danúbia Régia da Costa e a tutora orientadora Maria do Socorro Silva Linhares.

Axé!

"...capoeira é muito mais que uma luta,
capoeira é ritmo, é música, é malandragem,
é poesia, é um jogo, é religião..."

“Mandiga de escravo em ânsia de liberdade”

Mestre Pastinha

RESUMO

A presente pesquisa busca atender a Educação de Jovens e Adultos e demonstrar a capoeira cultural como representante de um patrimônio precioso, tendo na atualidade um amparo constitucional fundamental para a manutenção de seus elementos. A capoeira é a precipitação da cultura de uma nação que foi oprimida, e que reconhece seu valor, característica que faz do estudo da capoeira algo simplesmente fascinante e indispensável, assim a mesma contribui para verdadeiro exercício de cidadania e combate aos preconceitos. Sendo um instrumento pertinente ao ensino da história que pode ser utilizada na educação como humanização e erradicação de preconceitos raciais e sociais. A capoeira foi consagrada como patrimônio imaterial do Brasil tendo como desdobramento a obrigação do Estado brasileiro em preservá-la e fomentá-la, estabelecendo medidas programáticas para efetivar tal empreendimento e na Educação de Jovens e Adultos é possível fazer tal prática utilizando a capoeira como instrumento também de fomento à cultura Brasileira, de promoção a diversidade e estímulo ao respeito as diferenças entre os estudantes.

Palavras-chave: Capoeira. Cidadania. Diversidade.

ABSTRACT

This research seeks to meet the Education for Youth and Adults and demonstrates the cultural capoeira, the Brazilian Martial Art – Dance, fight and Music, as a representation of a precious heritage, and nowadays a fundamental constitutional protection for the maintenance of its elements. Capoeira is a nation's cultural aspect that was oppressed, and recognizing its value, is a characteristic that makes the study of capoeira, something simply fascinating and indispensable. It contributes to the real exercise of the citizenship and the fight against prejudices. It is a useful tool to the teaching of history and can be used in education as humanization and eradication of racial and social prejudices. Capoeira was consecrated as an intangible heritage of Brazil having and unfolding the Brazilian government's obligation to preserve it and promote it, establishing programmatic measures to affect the Youth and Adult Education in order to make such a practice using capoeira as a tool to the promotion of the Brazilian culture, promoting diversity and encouragement, taking into consideration the differences among students.

Keywords: Capoeira. Citizenship. Diversity.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
1-OBJETIVO:.....	09
1.1- OBJETIVO GERAL.....	09
1.2- OBJETIVO ESPECIFICO.....	09
2 -DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO PROPONENTE.....	10
3- DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO PROJETO.....	10
4 -AMBIENTE INSTITUCIONAL.....	10
5- JUSTIFICATIVA E CARACTERIZAÇÃO DO PROBLEMA.....	11
5.1-A Origem da capoeira.....	12
5.2 -Marginalização da capoeira no aspecto jurídico.....	16
5.3.- A legalidade da capoeira no governo Vargas.....	20
5.4-CAPOEIRA COMO AÇÃO DE CIDADANIA.....	22
5.5- A CAPOEIRA NA ESCOLA.....	25
6- ATIVIDADES RESPONSABILIDADES.....	28
7 -CRONOGRAMA.....	28
8- PARCEIROS.....	28
9 -ORÇAMENTO.....	28
10 -ACOMPANHAMENTO E AVALIAÇÃO.....	29
11 -CONCLUSÃO.....	30
12 -REFERÊNCIAS.....	33

INTRODUÇÃO

O objetivo da presente pesquisa é de demonstrar a capoeira como instrumento para combater preconceitos na Educação de Jovens e Adultos. O estudo da capoeira representa uma reavaliação da cultura popular brasileira principalmente a população reprimida e sem respeito aos seus direitos fundamentais constitucionais.

A fundamentação da pesquisa pontuou estudo a legislação pertinente as quais foram vislumbradas obras de historiadores e pesquisadores da cultura brasileira, especialmente da prática da capoeira.

A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica de obras que tratavam da manifestação cultural da capoeira desde o período colonial até a história contemporânea do Brasil. E para constatar tais proposições, foram analisadas a origem da capoeira, o segmento social onde ela inicialmente se manifestou e ainda a historiografia étnico-cultural da capoeira, enfatizando os aspectos jurídicos que a cercavam em toda a sua existência.

Por meio da leitura de dezenas de obras e análise de diversos dispositivos jurídicos, foi possível conceituar a capoeira, identificar sua origem e sua manifestação na história do Brasil, desde sua imposição como tipo penal, a revogação da lei por Getúlio Vargas e sua elevação a prática esportiva e cultural.

Desta forma, a Constituição Brasileira de 1988, como dispositivo maior, destaca a preservação da cultura nacional e o seu fomento. O estudo da Constituição Federal brasileira, indiscutivelmente é também uma justificativa para o fomento e o estudo da capoeira em nosso país. O estudo da capoeira no âmbito escolar demonstra que a cultura também é um dos instrumentos para se trabalhar diversidade na Educação de Jovens e Adultos.

1 OBJETIVO GERAL

Utilizar a história e o ensino da prática da capoeira como provocador de vivências em respeito a cultura da paz , da diversidade, e realizar a capoeira como instrumento de respeito a diversidade.

1.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

2. Promover, por intermédio do estudo e a prática da capoeira, o respeito à pessoa humana e a diversidade.
3. Estimular, com atividades coletivas relacionadas com a capoeira, o respeito a as diferenças entre as pessoas.
4. Fomentar, pela história da capoeira, a cultura brasileira.

2 DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO PROPONENTE

Álisson Rafael de Sousa Lopes

Turma 08

Informações para contato: 61 81538071

E-mail: alissonlopes@correioweb.com.br

3 DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO PROJETO

3.1 TÍTULO

A CAPOEIRA COMO INSTRUMENTO DE CIDADANIA E DIVERSIDADE NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

3.2 ÁREA DE ABRANGÊNCIA

Local

3.3 INSTITUIÇÃO

Centro Educacional Agrourbano Ipê CAUB I - Riacho Fundo II

3.4 PÚBLICO AO QUAL SE DESTINA

Professores e estudantes da Educação de Jovens e Adultos

3.5 PERÍODO DE EXECUÇÃO

Início no ano letivo de 2016 e término no final do ano letivo de 2016

4 AMBIENTE INSTITUCIONAL

O Combinado Agrícola Urbano de Brasília I, situado na zona rural do Riacho Fundo II-DF, foi criado como uma proposta de reforma agrária sendo implantado em 1986, tendo como objetivo conceber em Brasília um pólo de produção de laranja.

Era previsto que o CAUB I tivesse, em sua formação, as terras públicas da Granja do Ipê e do Riacho Fundo. Porém na década de 90, o projeto I foi esquecido pelo governo e provocou um abandono das atividades de agricultura causando êxodos das terras pelos produtores rurais por ausência de estrutura. A iniciativa original deformou-se e a região ficou exposta a especulação imobiliária, tais como: parcelamento irregular, venda e invasões de terras públicas. Em virtude disso, como já citado, a região é palco de vários conflitos por disputa de terras.

Em 1998 foi inaugurado o Centro Educacional Agrourbano Ipê para atender à população da região do CauB I que em sua maioria ainda são migrantes vindos do nordeste ou interior do Goiás. A população tem muitos hábitos campestres. Atualmente não existem trabalhos fixos de capoeira na região.

Nesta instituição de ensino, no período noturno, funciona a Educação de Jovens e Adultos que atende do primeiro segmento das séries iniciais até o segundo segmento séries finais. E serão essas turmas que estudaram a história do Brasil e da capoeira.

A estrutura da escola oferece 10 salas de aula, um laboratório de informática, uma pequena sala de leitura, uma cantina, uma sala de coordenação dos professores, uma sala dos professores, uma sala do administrativo e uma sala da direção. São em torno de 1000

alunos no três turnos, considerando que no matutino são ofertadas a comunidade do 7ºano ao 3º ano do Ensino Médio, no período vespertino do 1ºano das séries iniciais até o 6ºno, já educação de jovens e adultos a compõe a equipe de profissionais 50 professores e 20 assistentes de educação.

5 JUSTIFICATIVA E CARACTERIZAÇÃO DO PROBLEMA/MARCO TEÓRICO

As relações étnicos/raciais, orientações sexuais e questões relacionadas ao gênero, na comunidade que leciono, ainda são trabalhadas emblematicamente em momentos pontuais, e às vezes estanques da realidade. Dessa forma, não alcançando um esclarecimento maior sobre as temáticas, ou seja, permite que ainda persistam praticas racistas, e outras que também atentam contra a diversidade e o gozo da cidadania por grupos da comunidade que são historicamente oprimidos. As linhas a seguir vêm a demonstrar que a instrumentalização da capoeira como pratica pedagógica de ensino que venha a transformar a realidade da Educação de Jovens e Adultos.

Vivemos em uma sociedade individualista onde as pessoas perdem o seu contato com o outro, isso tem provocado ainda mais sentimentos de ódio e intolerância entre as pessoas. Portanto indaga-se : **Como utilizar a capoeira para promover uma aproximação entre as pessoas no espaço escolar?** É nessa pergunta e em sua resposta que se embasa o formato e a práxis do projeto interventivo local, é por intermédio de uma prática solidária da capoeira como mecanismo de promoção o encontro e o respeito com o outro para o outro.

Em uma sociedade de classes , racista , sexista, é comum muitas vezes o próprio oprimido absorver o discurso do dominador, observa-se que essas ideologias de segregação defendem privilégios de determinadas classes sociais. A utilização da capoeira na escola pode demonstrar em sua prática a importância do respeito as pessoas e ao trabalho coletivo. Essa concepção contribui para autocritica ou autoconsciência do discente assumir o protagonismo da sua própria história.

Portanto, para REIS (2006), faz-se necessário atentar que a capoeira corresponde a uma manifestação cultural de dança e de luta de resistência contra repressão estatal em relação a cultura afro-brasileira

A capoeira como instrumento de inclusão social tem sido utilizada desde sua concepção, a ontologia da capoeira é fundamentalmente autonomia e liberdade numa condição de ação afirmativa que surgiu com a implantação da lei 10639 /03 e também com o Estatuto da Igualdade racial que defendem o ensino da África no currículo escolar e também a valorização de seus desdobramentos culturais. A prática da capoeira e a sua história estão ligadas com a cultura de rua, a arte de rua e as manifestações populares . A história da

capoeira representa a cultura negra e que também possibilita o respeito a diversidade. Eis a relevância e necessidade da implementação deste projeto nessa comunidade escolar.

Atualmente no Cedagrourbano não existe um trabalho específico com a capoeira e a comunidade escolar em sua maioria negra/parda sofre ainda com o racismo velado institucional, portanto o seguinte projeto interventivo tem como intuito promover e trazer a tona este debate tão importante.

5.1 A origem da capoeira

Pode-se perceber que a origem da capoeira está diretamente ligada ao movimento de resistência negra a aculturação e exploração dos senhores escravocratas. E que numa sociedade racista, tal como era no Brasil colonial. O dominador não desejava escravizar só físico, mas também a moral, o psíquico de uma nação.

A resistência, portanto, não se restringiu ao físico, pois desejava impor uma visão de mundo ao dominado. O embate aconteceu principalmente no campo cultural, a dominação almeja tomar corpo e mente do cativo. A capoeira representa uma maneira de não aceitar a dominação, sincretizando também elementos da cultura do dominador. A capoeira, nesse contexto, representa uma expressão cultural que sincretiza luta, dança, cultura popular, artes marciais e até brincadeiras.

Segundo CRUZ (2006), inicialmente foi desenvolvida no Brasil por negros africanos e seus descendentes. Possui várias vertentes como a capoeira Angola jogada mais próxima do chão e a Regional, onde o jogador tem uma postura mais ereta e além de golpear num ritmo mais acelerado, intercalar a movimentação com acrobacias, ambas são jogadas ao som do berimbau. O jogo da capoeira é executado dentro da roda, onde dois indivíduos executam uma ação sincronizada de perguntas e respostas usando a expressão corporal.

O conceito de capoeira apresentado pelo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa versa:

Capoeira (2) – Bras. sf. Terreno onde o mato foi roçado e/ou queimado para cultivo da terra ou para outro fim. 2- Jogo atlético individual, com sistema de ataque e defesa.

Capoeirista – Lutador de capoeira. (FERREIRA, 2008, p. 209)

E ainda, conforme CAPOEIRA (2006):

(...) a manifestação cultural jogo-dança-luta representa a simulação de combate e o disfarce contra a vigilância dos capatazes, pois sem o disfarce ela não poderia ser praticada livremente, representa também a cultura corporal da resistência negra africana contra a dominação senhorial. (CAPOEIRA, 2006, p37)

Esta nobre arte, como bem caracteriza o citado estudioso, não deve ser estigmatizada apenas como luta ou dança, pois a capoeira engloba ambas. Ela é dança quando utilizada como simulação de combate, e nas querelas reais, se torna uma arte marcial. A capoeira foi criada na clandestinidade como expressão cultural de resistência, era a luta de um povo que não aceitava a condição de escravo.

A origem da capoeira no Brasil ainda gera diversas inquietações, pois para alguns nasceu na África, para outros no Brasil com a vinda dos africanos (corrente majoritária) e ainda existe uma pequena corrente defensora que foi criação dos indígenas do tronco tupi. Sem dúvida é a miscigenação de elementos culturais de várias etnias africanas, indígenas e lusitanas que formam a capoeira.

O povo banto (etnia africana, que praticavam na África a “Dança da Zebra”) trouxe, em sua diáspora forçada, valores que estruturaram a prática da capoeira, tendo ainda influência da cultura também africana lorubá (seguidores do candomblé) e da etnia tupi, palavra capoeira possivelmente vem do tupi “mato ralo”. SILVA (2008), vislumbra ainda que a capoeira é o resultado da miscigenação de diversas etnias africanas, mais especificamente do povo Banto.

O povo Banto, antes da diáspora forçada para o Brasil, vivia no Noroeste do continente Africano, onde atualmente estão os países da Nigéria, Mali e Camarões. Eram agricultores e viviam também da caça e da pesca. Já tinham domínio da metalurgia, organizavam-se em aldeias comandadas por um chefe, que era o rei Banto, e sua organização era teocrática. Quando foram escravizados para trabalhar no nordeste brasileiro se miscigenavam a cultura indígena brasileira e de outros povos africanos, essa mistura possibilitou o surgimento da capoeira. De acordo com o SILVA (2008), o português através da opressão moldou também a origem da capoeira: obrigava a luta se disfarçar em dança, pois sem o disfarce seria proibida a prática nas senzalas.

Com a abolição da escravidão em 1888, e o emprego nas lavouras de café de mão de obra estrangeira (italianos, alemães, japoneses), os negros recém “libertados”, vagavam sem rumo, fazendo biscates.

Por isso, a prática da capoeira tem peculiaridades que para serem compreendidas, necessitam de um profundo conhecimento da história do Brasil e da legislação que a regulava. Já com a abolição da escravidão e a instauração da República, a capoeira não deixou de sofrer perseguições, chegando a ser tipificada e elencada como prática criminosa, apenas com prisão. Neste período, a capoeira beirou a extinção, porém resistiu. Segundo SOARES, ao tratar da capoeira e a participação do negro em sociedade brasileira afirma que:

(...) Nessa época crítica de formação do Estado Nacional, como expressão combativa da massa escrava negro africana, que monopolizava o trabalho na cidade, a capoeira foi o canal expressivo da resistência escrava, e por isso vítima permanente de violência senhorial e policial. (SOARES, 1994, p.34)

Considerando que, alguns negros, como afirma outro teórico conceituado, CRUZ (2008), já estavam introduzidos na arte da capoeira e que sem ofício formavam maltas de capoeiristas sendo contratados como seguranças, além de se envolverem em brigas e outras desordens. Fizeram da

arte da luta e dança meio de vida. Na realidade, se tornaram jagunços e mercenários que desafiavam o poder oficial e a ordem posta. O transtorno causado pelas maltas foi tanto que o então presidente Marechal Deodoro proibiu a prática e a elencou no tipo penal com pena de reclusão.

De acordo com MUNIZ (2002), no Rio de Janeiro e na Bahia estavam os principais pólos da prática da capoeira. Com a proibição da capoeira foi combatida com extrema violência quase a extinguindo no Rio de Janeiro, sendo que na Bahia quem fosse pego praticando era amarrado num cavalo e arrastado até o Departamento de Polícia.

A capoeira, de acordo com SANTOS(1995), servia como instrumento de resistência da cultura africana/brasileira, em um tempo que o governo queria “embranquecer a população brasileira”. O “toque da cavalaria” no berimbau surgiu da necessidade de avisar aos jogadores que a polícia estava chegando.

Portanto, em meio à escravidão, a guerra do Paraguai, a abolição, a proclamação da República, as ditaduras, ao preconceito de cor, de etnia, da perseguição policial promovida pelo Estado, à capoeira não se extinguiu. Com a prática legalizada, de acordo com CAPOEIRA (2006), em abril de 1953 foi reconhecida como Desporto pela Deliberação 071 do Conselho Nacional de Desporto, a capoeira foi desenvolvida em quartéis e escolas, mas apenas na última década foi reconhecida como profissão.

A capoeira e sua prática possuem peculiaridades que para serem compreendidas necessitam de uma profunda percepção e conhecimento da historiográfica do Brasil e seus desdobramentos jurídicos em seus vários períodos, no início da república era um tipo penal e atualmente é símbolo da cultura brasileira.

Portanto, faz-se necessário atentar que a capoeira, como manifestação cultural de dança e luta, no período colonial, entre os séculos XVI, XVII e XVIII, era brutalmente perseguida por constituir um dos elementos de resistência cultural afro-brasileiros contra a dominação lusitana. A resistência se dava no cotidiano, com a passagem do conhecimento de forma velada de geração em geração driblando o aparelho repressivo de dominação vociferado neste momento contra a diversidade cultural.

Neste período, a capoeira beirou a extinção, porém resistiu criando mecanismos para enganar a repressão estatal. A participação da população negra africana na formação da sociedade brasileira e para o surgimento da capoeira e sua manutenção, é determinante até hoje. Segundo Soares (1994), em sua obra A negrada instituição, sobre a participação do negro na sociedade brasileira.

Segundo HEINE E SILVA (2008), “a capoeira era praticada em locais e contextos diferentes, como senzalas, quilombos, matas, ruas e terreiros de candomblé”. Nestes locais os negros cultuavam seus deuses e rituais e treinavam destreza corporal e prática da capoeira: De acordo com SANTOS (1995), desde o momento mais remoto da história da capoeira no Brasil, podemos observar a transmissão de elementos culturais da geração mais velha para as gerações mais novas.

HEINE E SILVA (2008) destaca que a capoeira passou a fazer parte no código penal da República, e uma grande caçada institucional aos capoeiristas é deflagrada. E nesta época que São presos e mandados para presídios e cadeias públicas.

5.2 A marginalização da capoeira no seu aspecto jurídico

A prática da capoeira foi reprimida desde seu nascimento, por ser a expressão cultural de um povo dominado e considerado primitivo. Mesmo com a abolição da escravidão oficialmente em 1888 e a seguinte instauração da República, a capoeira permaneceu vigiada e perseguida. Conforme se denota o Código Penal da República dos Estados Unidos do Brasil de 11/10/1890, artigos 402, 403 e 404 evidenciam:

Artigo 402 – Fazer nas ruas e praças públicas exercícios de agilidade e destreza corporal conhecida pela denominação capoeiragem, andar em carreiras, com armas ou instrumentos capazes de produzir lesão corporal, provocando tumulto ou desordens, ameaçando pessoa certa ou incerta, ou incutindo temor de algum mal; Pena de prisão celular por dois a seis meses. A pena é a do artigo 96, parágrafo único – É considerado circunstância agravante pertencer o capoeira a alguma banda ou malta. Aos chefes ou cabeças, se imporá o dobro.

Artigo 403 – No caso de reincidência será aplicada ao capoeira, no grau máximo, a pena do artigo 400.

Parágrafo único. Se for estrangeiro, será deportado, depois de cumprir a pena.

Artigo 404 – Se nesses exercícios de capoeiragem perpetrar homicídio, praticar alguma lesão corporal, ultrajar o pudor público e particular, perturbar a ordem, a tranqüilidade ou segurança pública ou for encontrado com armas, incorrerá cumulativamente nas penas cominadas para tais crimes. (CÓDIGO PENAL, 1890)

Como podemos vislumbrar, o praticante de capoeira era perseguido e impedido por força de lei de fomentar a capoeira. Era uma prática delituosa com alta reprovação social. A repressão sofrida pela manifestação cultural da capoeira se iguala a repressão também sofrida pela manifestação cultural negra no Brasil. E nem poderia ser diferente já que a capoeira possui origem no Brasil, mas foi criada por africanos e seus descendentes.

A capoeira, como cultura negra de modo geral, era considerada primitiva e desencadeadora de convulsões sociais pelas autoridades estatais vigentes na época da República Velha. Mesmo alcançando a liberdade de prática no governo Vargas, ainda era vigiada.

Na obra do médico criminalista RODRIGUES (2008), começo do século XX, o autor demonstra que as elites do Brasil acreditavam que a criminalidade dos negros era hereditária, conceituando como atavismo, ou seja, transmissão hereditária de certas qualidades dos ancestrais.

Ainda em sua Obra, RODRIGUES (2008), contrapõe a ideia de atavismo com o fenômeno sobrevivência, em que ele explica que o comportamento de um grupo é influenciado pela condição intelectual e social em que vive. Embora, o autor confronte o atavismo, aplica o conceito para compreender o comportamento da população negra no Brasil. Contudo, também utiliza de um conceito conhecido como sobrevivência criminal, considerando como determinismo social para a delinquência negra.

RODRIGUES(2008) também foi pioneiro em catalogar os africanos e suas etnias no Brasil, porém carregou um discurso arraigado de preconceitos e com equívocos quanto os costumes dos vários povos africanos. Chegou a escrever em sua obra “Os africanos no Brasil”, um capítulo intitulado a “Sobrevivência psíquica na criminalidade dos negros no Brasil”.

A sociedade brasileira do início do século XX era racista e as políticas públicas acreditavam que a criminalidade diminuiria com o gradual embranquecimento da população brasileira, Rodrigues

(2008) mostra de forma pontual em seu livro. A política de dominação da classe dominante no princípio do século XX, demonstrava a preocupação de civilizar o Brasil uma cruzada contra as populações negras e indígenas, forçando uma sincretismo antropofágico culturalmente. A criminalidade e o subdesenvolvimento eram relacionados às camadas populares descendentes de povos antes escravizados. Especialmente a população negra. A cultura africana em meio tanta repressão resistiu desenvolvendo manifestações anti-repressivas, sendo a capoeira uma delas. Os aparelhos ideológicos do Estado disseminavam a cultura contra capoeira entre outras manifestações.

O escritor mostra também que durante a escravidão, os negros sofriam todas as violências dos senhores de escravos, eram prepotentes, e nas fazendas e plantações entregavam a jurisdição ao arbítrio quase ilimitado dos administradores e feitores brutos, ignorantes e cruéis. E ainda afirma que, após a abolição, sem escravidão, a prepotência passou ao arbítrio da polícia, que não era mais esclarecida que os antigos senhores, e a crueldade da opinião pública. Conforme RODRIGUES (2008), a manifestação do candomblé era perseguida violentamente, inclusive a imprensa apoiava a repressão: “O jornal Diário de Notícias, em 5 de outubro de 1896, denuncia as autoridades da Bahia o funcionamento de um terreiro de candomblé”

Segundo Rego:

Infelizmente, o conselheiro rui Barbosa, por isso ou aquilo, nos prestou um mau serviço, mandando queimar toda documentação referente à escravidão negra no Brasil, quando o Ministro da Fazenda, no governo do generalíssimo Deodoro da Fonseca, por uma resolução que tem o seguinte teor:

Considerando que a nação brasileira, pelo mais sublime lance de sua evolução histórica, eliminou do solo da pátria a escravidão – a instituição funestíssima que por tantos anos paralisou o desenvolvimento da sociedade inficionou-lhe a atmosfera moral;

Considerando que a República está obrigada a destruir vestígios por hora da pátria, e em homenagem aos nossos deveres de fraternidade e solidariedade para grande massa de cidadãos que pela abolição do elemento servil entraram em comunhão brasileira [...] (REGO, 1968, p- 68.)

Com esta atitude os arquivos que registravam a mercantilização do trabalho escravo são destruídos. Acaba também anulando também ao certo quantos africanos vieram para o Brasil na condição de escravos e também suas respectivas identidades culturais e sociais.

Parte da memória, ou melhor, parte da história do Brasil foi perdida com a destruição destes documentos, pois neles seria possível estimar a quantidade de africanos que foram trazidos para o Brasil, suas etnias e suas particularidades culturais.

Apesar da destruição da documentação promovida por ação estatal, a cultura transferida através da oralidade se manteve, evitando a extinção da cultura negra e da capoeira. Essa oralidade também é uma instrumentalização para se trabalhar no ambiente escolar.

Movimentos como da capoeira garantiam um sentido de pertencimento a grupos que haviam perdido a identidade cultural com a escravidão. Mesmo com a abolição a perseguição à capoeira continuou como também a perseguição a toda expressão cultural negra. Prática que se perpetua até os dias de hoje.

A capoeira no século passado pode ser vislumbrada como grupos de negros e homens pobres de todas etnias, com facas e navalhas, rompendo as ruas e becos em correias, conhecedores de hábeis golpes de corpo. A obra “Capoeira – pequeno manual do jogador”, (2006, 8ª edição) relata o submundo dos marginalizados e jogadores de capoeira.

Segundo CAPOEIRA (2006), nas ruas do Rio de Janeiro existiam duas maltas que dominavam as ruas: os Nagoas, ligados aos monarquistas do Partido Conservador e os Guaiamus, do Partido Liberal defensores do ideias republicanos. Por exemplo da utilização de capoeiristas em conflitos na história brasileira, em 1865 acontece a guerra do Brasil contra o Paraguai e o exército brasileiro formou o exército de capoeiristas que tinham como promessa a liberdade após a guerra.

A utilização da habilidade dos capoeiristas em conflitos sociais e até na guerra fez com que a capoeira alcançasse notoriedade, mas trouxe também a imagem de desordem e ameaça a paz social. Conforme CAPOEIRA (2006) eram indivíduos tidos como marginais que brigavam na rua para se impor fisicamente e mostravam isso com muita violência e por conta disso estavam envolvidos em conflito com as autoridades policiais.

De acordo com CAPOEIRA (2008), as maltas tinham como ideal a proteção da Monarquia e lutar contra os republicanos, organizada por José do Patrocínio e com investimentos secretos da polícia. Na realidade, os negros capoeiristas teriam sido manobrados para defender a princesa Isabel. Contudo, o contexto é mais complexo, pois segundo o autor os capoeiristas mostravam que acompanhavam as diversificações políticas, aliando-se as tendências partidárias da época em virtude dos acontecimentos.

CAPOEIRA (2006) destaca que em 1890 foi preso o capoeirista Juca reis, rico e filho do Conde de Matosinhos, Sampaio Ferraz (chefe de polícia) deflagrou uma crise no gabinete de Ministros. Quintino Bocayuva, então Ministro das Relações Exteriores e amigo do Conde de Matosinhos, foi contra Sampaio Ferraz e pediu sua demissão, porém a mando do próprio Marechal Deodoro da Fonseca, Juca foi preso e deportado para prisão de Fernando de Noronha.

Segundo CAPOEIRA (2006), as maltas eram grupos de capoeiristas, tinham uma organização interna, pois eram formados por os “caxinguelês” ou “carrapetas”, menores aprendizes, “capoeiristas profissionais” e os chefes de maltas. Para progredir na malta o membro deveria demonstrar bravura, força e valentia.

A capoeira detinha grande apoio popular por representar a filosofia do oprimido. Como no Brasil colonial e também no período da República do café-com-leite, a expressão popular das camadas pobres era brutalmente reprimida. Não existia participação popular e a polícia era um instrumento de opressão das elites dominantes. Então, quando surgia alguém desafiando as autoridades institucionais, era admirado e tratado como um mito. E vários capoeiristas históricos fizeram esse papel.

Desses subversivos capoeiristas transgressores da lei e da ordem, CAPOEIRA (2006), cita alguns, como conhecidos por nomes de guerra, Manduca da Praia, Trinca-espinha, Madame Satã que se tornaram lendas. Enquanto os marginais comuns se escondiam, os capoeiristas buscavam notoriedade em suas façanhas. O imaginário popular fazia dos praticantes de capoeira pessoas a margem das leis, destemidos e perigosos.

As maltas remontavam organizações tribais com hierarquias, onde se miscigenavam rituais africanos e também a necessidade de sobreviver na ilegalidade.

Ainda, segundo CAPOEIRA (2006), a capoeira originou a dança conhecida como “frevo”, pois no carnaval em Recife, as bandas (maltas) se cruzavam e demonstravam cenas de violência, curiosamente esses confrontos se tornaram passos de dança. Na Bahia, existiu o maior mito da capoeira, Manuel Henrique, o besouro Magangá :

Seu mestre foi um escravo chamado tio Alípio. Besouro foi mestre de outro famoso capoeirista – o saudoso cobrinha verde, que conheci em Salvador nos anos 60. Besouro não gostava da polícia e era temido por ter o corpo fechado e ser um faquista hábil e perigoso. A lenda conta que foi o próprio besouro que era analfabeto, quem levou o bilhete indicando-o como pessoa a ser morta (em 1924): uma emboscada foi armada, mas só conseguiram ferir mortalmente Besouro com uma faca de ticum (uma madeira muito dura) preparada na feitiçaria para vencer o corpo fechado do capoeirista. (CAPOEIRA, 2006, p.34)

A capoeira faz parte da cultura popular brasileira e sua histórias percorrem todo o imaginário popular. Em consonância com CAPOEIRA:

A repressão aos candomblés e a capoeira atingiu seu auge um pouco mais tarde, entre 1920 e 1927, com o famigerado Esquadrão de Cavalaria e a ação do delegado de polícia “Pechito” de Azevedo Gordillo. (CAPOEIRA, 2006, p.34)

Os conflitos entre a capoeira e a polícia eram constantes, pois a polícia representava o interesse das elites. No início da República. Já a capoeira representava a voz da população pobre oprimida, principalmente, dos negros descendentes de africanos.

A capoeira da Bahia não possuiu as maltas que agiam com os políticos. A miscigenação da capoeira entre portugueses pobres e ricos, militares, intelectuais e parte da juventude da elite branca, ocorre em Salvador, após a liberação da capoeira por Getúlio Vargas.

A preocupação manifestada no governo Getúlio Vargas em buscar uma identidade nacional, possibilitou que a capoeira fosse considerada um esporte genuinamente nacional. Permitindo que Manoel dos Reis Machado, o mestre Bimba, desenvolvesse sua capoeira como também fazendo ressurgir a prática com outros mestres.

5.3 A legalidade da capoeira no Governo Vargas

Na era Vargas, Mário de Andrade em 1936, a pedido do Ministro da Educação e Saúde, Gustavo Capanema, confeccionou um anteprojeto para a criação do serviço do Patrimônio Artístico Nacional. Contudo, o anteprojeto passou por alterações que resultaram no Decreto-Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937 .

Porém, o que abriu espaço para a legalização da capoeira foram os próprios capoeiristas e o primeiro a ser recebido por um presidente foi o capoeirista Manoel dos Reis Machado. Uma das primeiras escolas de capoeira em Salvador Bahia, foi inaugurada por Mestre Bimba, relata CAPOEIRA(2006) de forma pioneira o treinamento de capoeira em academias. Manoel dos Reis Machado nasceu em Salvador em 1900. Começou a treinar capoeira aos doze anos de idade por um africano conhecido como Bentinho, que era capitão da Cia. Baiana de Navegação, atualmente Bairro da Liberdade.

Segundo CAPOEIRA (2006), Bimba contava que um dos castigos que davam a capoeiristas que fossem presos por causa de brigas era que fossem amarrados por um dos punhos no rabo de

cavalo e outro no cavalo ao lado. Os dois cavalos eram soltos e postos a correr até o quartel. Nestor afirma que os capoeiristas preferiam brigar perto do quartel.

De acordo com CAPOEIRA (2006), Mestre Bimba (1900-1974) era um grande lutador renomado, tinha o apelido de “Três Pancadas”, pois era o suficiente para vencer o seu oponente. Em 1936, Bimba desafiou e derrotou quatro desafiantes. Jamais foi vencido, mas não era um homem violento. Foi, ainda, um grande representante da cultura negra, era ogã de candomblé, conhecia os ritos africanos da cultura iorubá e viveu intensamente a cultura afro brasileira.

O presidente Getúlio Vargas tomou o poder e, buscando apoio da população pobre, permitia a prática da capoeira em recintos fechados e com alvará de funcionamento expedido pela polícia, revogando o artigo 402 do Código Penal de 1890, tirando a capoeira do Código Penal. Mas Bimba não usava o nome capoeira em sua academia, chamava de Luta Regional Baiana, e com a permissão da prática da capoeira, ficou conhecida como Capoeira Regional.

Mestre Bimba, além de ser conhecido como habilidoso lutador, também fez da prática da capoeira e seus rituais algo solene, sistematizado e didático, mostrou para o mundo que a capoeira era educação e conseguiu levar a prática da capoeira para a Universidade de Medicina do Estado da Bahia. Portanto a experiência educacional de Mestre Bimba também é um exemplo para utilização na Educação de Jovens e Adultos.

Segundo TAVARES (1984), a retórica do corpo No governo de Getúlio Vargas consistia no seguinte: ele imaginava que para se ter uma sociedade organizada, que funcionasse como uma máquina, era necessário que as pessoas (e os corpos dessas pessoas) fossem educadas para isto desde pequenas. Pensando assim, ele criou a obrigatoriedade do ensino da educação física nas escolas, e imaginou que a capoeira poderia ser um apoio popular, mas não uma capoeira nos moldes tradicionais de malandragem ritual/brincadeira/arte, e sim como esporte/luta “sério”, como método de ensino semelhante aos das escolas brancas, uma graduação semelhante à hierarquia de exército e uma mentalidade de acordo com os objetivos da “nova” sociedade tendo como fundamentos:.

Técnica e burocracia. Estas características são justamente as que vão crescer e fazer sucesso durante toda a “era das academias”, deixando em segundo plano as características originais da capoeira – vadiagem, ritual, malandragem. (TAVARES, 1984, p.36)

A academia do mestre Bimba era frequentada pela classe média, a burguesia de Salvador. Fato que diferenciava da capoeira praticada exclusivamente por africanos e seus descendentes.

Conforme CAPOEIRA (2006), o Mestre Bimba conseguiu tirar a capoeira da marginalidade. Sendo que em 1949, foi ao Estado de São Paulo, desafiando outras modalidades. Sua fama fez com que em 1953, fizesse uma apresentação para Getúlio Vargas, recebendo o abraço do presidente. Posteriormente, Vargas afirmou que a capoeira é o único esporte verdadeiramente nacional. Nestor Capoeira narra estes fatos em sua obra. Mestre Bimba faleceu pobre e sem apoio em Goiânia em 1974. Em 1996 recebe o título de Doutor “*Honiris Causa*” *post mortem*. Como prêmio a atuação na educação e representante da cultura negra.

Outro grande lutador e representante da capoeira foi o Vicente Ferreira Pastinhas (1889-1981), o Mestre Pastinha. Segundo Capoeira, ele “começou a capoeira ainda criança, ensinado por um negro de Angola, chamado Benedito. Pastinha aprendeu a capoeira para não apanhar mais dos meninos na rua” (CAPOEIRA, 2006).

O Mestre Pastinha abriu uma academia em Salvador, após a abertura da academia de Bimba, ensinava uma capoeira conhecida como angola que era uma manifestação bem próxima das feitas por seus ancestrais nas senzalas. O escritor Jorge Amado era admirador e protetor do Mestre Pastinha.

Segundo o autor CAPOEIRA, Pastinha declarava que a Capoeira, mandinga de escravo em ânsia de liberdade. Seu princípio não tem método, seu fim é inconcebível ao mais sábio dos mestres. Faleceu Mestre Pastinha em Salvador e as autoridades antes de sua morte tomaram sua academia sob o pretexto das reformas do Largo do Pelourinho.

Embora a capoeira não fosse perseguida tal como era no Brasil Colonial e republicano, ainda era vista como algo exótico, e não como a representação secular de uma nação. Ela foi sendo desvirtuada e foi embranquecendo, perdendo sua africanidade. Porém, neste novo momento a capoeira não é mais como a praticada nas senzalas tendo a participação de homens brancos e da alta burguesia da época. Assim representando um grande passo a sua institucionalização.

5.4 Capoeira como Ação de Cidadania

HEINE e SILVA (2008) faz uma explanação sobre as condições sócio-econômicas do Brasil e como a capoeira funciona como um fator de inclusão social:

Vivemos em mundo repleto de desigualdades sociais. O homem, como toda a sua inteligência e avanços tecnológicos, ainda não conseguiu oferecer condições básicas de vida aos habitantes dos quatro cantos do planeta. Enquanto muitos morrem de fome, outros morrem de tédio por não terem em que gastar suas fortunas. Os interesses políticos e econômicos continuam falando mais alto. Guerras são fabricadas e muitos inocentes morrem a cada dia. No Brasil também não é diferente. A renda concentra-se na mão de poucos. O êxodo rural criou favelas, e as condições nos bairros de periferia são precárias. O governo e a sociedade não têm capacidade de oferecer saúde, educação, lazer e cultura para seus moradores. Todos pagam impostos, mas as reformas necessárias não se realizam dentro do ritmo que se faz necessário. A corrupção alastra-se no poder público, e todo dia as manchetes nos jornais estampam desvios de verbas e conchavos políticos. Tudo isso cria nas pessoas, sobretudo na juventude, um sentimento de vergonha e de pouca esperança naqueles que se propõem a ser os seus representantes. Onde entra a capoeira dentro desse cenário? A capoeira foi e sempre será símbolo de resistência e da luta por uma sociedade mais justa e com direitos reais e iguais para todos. Com a capoeira, os negros lutaram pelo direito à vida e não se acomodaram nem aceitaram a escravidão. Acreditavam no sonho de liberdade, arregaçaram as mangas, criaram estratégias e batalharam por uma vida mais digna. Assim, a capoeira pode dar às pessoas um sentido de dignidade para a vida, esperança e força para lutar e construir um futuro melhor para todos (HEINE E SILVA, 2008, p. 29).

Desta forma, acreditando nessa potencialidade descrita por esses teóricos, a capoeira tem todo um contexto de receber em seu bojo, as representações culturais do povo pobre e oprimido, especificamente da manifestação negra. Portanto, o sentimento de pertencimento oferecido pelas aulas de capoeira tem possibilitado o resgate cultural e social de inúmeros jovens na sociedade brasileira. O ganho social promovido pela divulgação da capoeira tem fortalecido sua importância como instrumento de cidadania.

Acredita-se que a capoeira apresenta grande miscigenação ou sincretismo culturais e étnicos, hoje pode-se afirmar que a capoeira não é somente uma representação negra, mas do Brasil com

pessoas de diversa etnias praticando e ensinando sua filosofia. A capoeira venceu os dispositivos repressivos e atualmente se expandi como cultura brasileira..

A grande eficiência da capoeira, não está na sua marginalidade, mas na sua capacidade de preencher espaços e aglutinar praticantes. A resistência da capoeira, não é uma resistência física, porém ideológica. O capoeirista encara a capoeira como filosofia de vida e não somente como mera prática esportiva.

O Brasil ainda possui um racismo velado, e um enorme desdém pela cultura popular, a cultura de raiz, de nações indígenas e africanas que são brasileiras. Estas culturas que sem qualquer incentivo, pelo contrário, mediante violentas perseguições ainda existem.

Muitas manifestações culturais foram extintas por ser a identidade cultural dos oprimidos e sofreram a mão pesada da censura dos opressores. A capoeira, sobreviveu, emergindo da marginalidade, tipicidade e se transformando em patrimônio da cultura brasileira. Conhecida mundialmente tanto quando o futebol

Nas aulas com a dinâmica da capoeira se sensibilizam os estudantes em relação a questões ambientais de sustentabilidade ao consumo de drogas e desenvolvem a importância da comunidade escolar ter uma prática de não violência.

Esta iniciativa tem obtido boa aceitação da comunidade e promovido debates e ajudando a erradicar o racismo no ambiente escolar.

Segundo HEINE e SILVA (2008) que exemplificam:

Os baixos níveis de renda familiar e o desemprego também são problemas graves, e muitas vezes, levam os jovens a abandonar a escola prematuramente, com o objetivo de trabalhar para ajudar a renda familiar. Nesse contexto, o tráfico de drogas torna-se uma opção frequentemente preferida, pelos ganhos e facilidades oferecidas. No entanto, as consequências, em geral, são trágicas. O número de mortes aumenta, assim como o de internações em instituições como a FEMBEM de São Paulo⁴⁰. (HEINE E SILVA ,2008,p.40)

Em São Paulo, existe o Projeto Porta Aberta que permite que jovens tenham acesso ao ambiente da USP (Universidade de São Paulo), no Centro de Práticas esportivas, onde tem aulas de capoeiras com o professor Vinícius Heine. Dessa maneira, são organizados batizados, festivais, cursos, oficinas, gincanas e clínicas de capoeira. O projeto contempla aproximadamente 80 jovens, entre crianças e adolescentes, porém passa por um momento de reformulação em busca de parceiros para financiar a atividade. O projeto porta aberta busca por meio da capoeira alcançar:

Valorização da tradição da capoeira e de todos os aspectos culturais a ela relacionados. Valorização do aspecto artístico e musical, incentivando os alunos. A aprenderem a cantar os diferentes tipos de música e a tocar diferentes instrumentos da capoeira; Elaboração de um discurso de paz e não-violência, transmitido aos alunos por meio de palestras antes, durante e depois das aulas; Conversas individuais com alunos que apresentam características agressivas. (HEINE e SILVA, 2008,p.32)

Percebe-se que a prática da capoeira impõe ao seu estudante seguir regras de condutas e comportamentos que também são abordados nas aulas, como provam os teóricos Heine e Silva:

A violência também depõe contra a imagem que a sociedade como um todo faz da capoeira. Em um curso de capacitação de professores oferecido na

rede municipal de ensino na cidade de São Paulo, foi feita uma pesquisa sobre que tipo de visão aqueles professores possuíam da capoeira. Infelizmente, 80% deles apresentavam uma visão e uma imagem negativa em relação à capoeira. Essa visão foi construída a partir de experiências em que esses professores presenciaram atos de agressão e violência na capoeira, seja em rodas ou em eventos como os batizados. (HEINE E SILVA, 2008,p-32)

O preconceito e o estereótipo deixado por mestres ruins e também o racismo velado na sociedade brasileira, contribui para que a capoeira seja olhada com desconfiança por muitos. Dentro dos mais variados segmentos sociais e profissionais, encontramos pessoas compromissadas, como também encontramos pessoas sem compromisso. O fato é que são os bons exemplos que devem ser lembrados e incentivados.

A capoeira, conforme HEINE e SILVA (2008), possui um grande caráter lúdico em sua prática. A ludicidade da capoeira se apresenta no estado de espírito do praticante, à alegria de participar, à brincadeira, à sensibilidade, à criatividade, à liberdade e a imaginação. O lúdico para criança está em praticar brincando e isso também sensibiliza os jovens e adultos que participam em todo ambiente escolar.

A capoeira tem levado pessoas a experimentar sensações de prazer e alegria em virtude de sua prática. Na capoeira, não se perde e não se ganha, ludicamente se aprende, e assim que a capoeira deve ser desenvolvida no ambiente escolar.

5.5 A Capoeira na Escola

A capoeira, segundo HEINE E SILVA (2008) , a capoeira foi criada numa sociedade de desigualdade e segregação velada. Mas a capoeira como símbolo de resistência, atraía mais adeptos pela sua versatilidade, a forma lúdica e atraente de conquistar adeptos. Tais qualidades permitem que a capoeira seja praticada na escola, englobando desde as séries iniciais até o ensino superior. Com a capoeira, tem-se a oportunidade de conhecer deveres e direitos, conviver com seus semelhantes, aumentar a auto-estima e respeitar os limites do próximo. Assim o indivíduo aprende a valorizar a comunidade e o seu bairro, preservando e respeitando. Os ensinamentos ultrapassam gerações e provocam um sentimento de pertencimento.

Conforme HEINE e SILVA (2008), A violência na capoeira ainda é um tema recorrente por ser uma atividade corporal, considerada por muitos arte marcial, existem ocorrências de exagero de agressividade, competitividade e falta de ética.

A violência dentro da capoeira reflete o que acontece na comunidade onde ela se desenvolve. Onde a criminalidade é maior, a capoeira apresenta também maior violência e isso fez que por muito

tempo a capoeira ficasse afastada das escolas, porém, trabalhos sérios e com objetivos de promover a não-violência tem revertido este cenário.

Quando a capoeira é violenta, ela nega sua própria raiz, violando conjuntamente direitos essenciais à vida humana e caminhando no sentido contrário ao processo de construção da cidadania.

A capoeira de forma geral é ministrada nas escolas como atividade extracurricular e pode ser utilizada como conteúdo das disciplinas escolares se manifestando de forma interdisciplinar nos ensinamentos de educação física, educação artística, português, história, geografia e literatura. A capoeira na universidade também demonstra uma trajetória de resistência.

Para Campos, a inclusão da capoeira nas instituições de ensino representa algo inovador e curioso, pois a capoeira era uma ação marginal, sujeita a penalidade prevista no Código Penal brasileiro.

LUSSAC (1996) explicita como deveria ser o ensino da capoeira na escola:

A capoeira deveria fazer parte do currículo escolar, junto com a história do negro, porque ela representa junto toda uma cultura, a história do Brasil, por isso seria importante seu ensinamento, pois, dessa forma, o nosso povo teria oportunidade de conhecer e praticar a nossa cultura e aprender os folguedos populares de seu país, e assim, buscar a sua própria identidade (LUSSAC, 1996: 37).

A capoeira é um instrumento para educação integral de jovens e adultos. A capoeira luta configura-se como sua origem de resistência a escravidão. A capoeira dança e arte representada através das manifestações de musicalidade, ritmo, canto e a expressão corporal. A capoeira esporte tem um destaque na competitividade e nos treinamentos físicos, técnicos e táticos.

A capoeira, segundo Campos, como filosofia de vida remonta a sua origem e sua resistência no decorrer dos tempos. O mestre de capoeira não é o que domina somente a luta, mas também os demais elementos da capoeira, principalmente a história, na capoeira os mestres não são esquecidos e sua presença é louvada nas rodas com entoar de cânticos e suas façanhas descritas nas músicas.

A música na capoeira ainda representa uma grande responsabilidade do aprendizado da história da capoeira e dos seus mestres.

Segundo CAMPOS (2001), a primeira universidade a institucionalizar a capoeira embasada juridicamente foi a UFBA – Universidade Federal da Bahia. Ela começou dentro da formalidade acadêmica ligada ao Departamento de Educação Física em 1978, por força do Decreto-lei 64.450 de novembro de 1971, que regulamenta o artigo 22 da lei 4024, de 20 de dezembro de 1961 e alínea “e” do artigo 40 da lei 5540, de 28 de novembro de 1968. Estes dispositivos fizeram a prática de Educação Física obrigatória em todos níveis e graus de escolaridade.

A capoeira torna-se disciplina oferecida na prática desportiva no segundo semestre de 1978. A Universidade Federal da Bahia outorgou o título de Doutor (*Post mortem*) a Manuel dos Reis Machado, em 12 de junho de 1996, por reconhecer o seu valor como personalidade baiana que contribuiu de maneira marcante para a educação e a cultura do povo brasileiro. O título é a precipitação especial da luta e resistência de um povo que mesmo discriminado e injustiçado reconhece o seu valor.

Conforme CAPOEIRA (2008), Manuel do Reis Machado conhecido como Mestre Bimba, um homem do povo, semianalfabeto, labutou como carvoeiro, estivador, carroceiro, trapicheiro e carpinteiro, contudo, com a capoeira, vislumbrou o reconhecimento popular e obteve respeito da sociedade, em uma época em que os negros eram perseguidos pela polícia e as manifestações da cultura negra sofriam intensa e perversa repressão.

A proposta de Bimba, conforme REIS(2006), consistia em procedimentos pedagógicos que possibilitavam um rápido aprendizado. A capoeira apresentava aos seus praticantes experiências e sentimentos com base na interpretação dos elementos como um “jogo (luta e dança); como música (tocando instrumentos musicais; cantando e batendo palmas); e como grupo (os participantes); o mundo social entendido através da capoeira.” (REIS, 2006, p.94)

A vivência nas aulas de capoeira possibilitou que os participantes tornem-se mais envolvidos nas atividades propostas por professores. Por isso, a capoeira na escola, nos diversos níveis e modalidades de ensino, tem ocasionado o fortalecimento da autoestima de seus participantes e também sensibilizado quanto ao sentimento de identidade cultural e até combatendo o racismo e a intolerância.

A capoeira, conforme REIS (2001) “mostra-se como um instrumento de inclusão social e cultural, principalmente nas comunidades mais carentes.” Muitas vezes, o próprio professor ou mestre da capoeira foi resgatado pela prática da capoeira.

No Projeto Político Pedagógico do Centro Educacional 01 do Guará, o professor Francisco de Assis Júnior, conhecido como Tony Guará, afirma ter sido salvo de uma vida criminosa pela prática da capoeira e que hoje sensibiliza os seus alunos quanto a importância de se respeitar a lei e a qualidade de vida.

6 ATIVIDADES/ RESPONSABILIDADES

O estudo da capoeira ocorrerá conjuntamente às aulas de história relacionando cotidianamente a história do Brasil , conforme a proposta curricular, com a história de resistência da capoeira ao longo da história brasileira. Enquanto as aulas práticas serão aplicadas de forma lúdica , mas também em conjunto e elaboradas com os professores de artes e educação física. O objetivo é trabalhar interdisciplinarmente. Serão utilizadas palestras, rodas de capoeiras e oficinas de construção de berimbaus.

7 CRONOGRAMA

Fevereiro de 2016: Apresentar o projeto interventivo local para professores e conselho escolar. Primeira reunião de diagnostico e debate do Projeto.
Março de 2016: apresentar o projeto para alunos e comunidades. Aplicar o projeto nas aulas, inicialmente de história.
Abril de 2016: I Seminário sobre capoeira e educação com estudantes e servidores da instituição de ensino.

Maio de 2016: “Aulão” de capoeira e palestra com um mestre de capoeira.
Junho de 2016: oficina de confecção de berimbau.
Julho de 2016: recesso escolar
Agosto de 2016: Apresentar a roda de capoeira e também roda de vivências apresentadas até este mês.
Setembro de 2016 : Festival de capoeira com interação com grupos locais e do DF.
Outubro de 2016: II Seminário da capoeira como ação afirmativa libertadora com estudantes e servidores da instituição de ensino.
Novembro de 2016: Roda de histórias e de capoeira em homenagem ao Ganga Zumbi de Palmares.
Dezembro de 2016: Encerramento do projeto com confraternização e certificação dos participantes do projeto.

8 PARCEIROS

Grupos de capoeira da localidade do CAUB I e do DF, Grupo gingando capoeira, lideranças locais, grêmio estudantil, Secretaria de trabalho e Direitos Humanos do Distrito Federal, Coordenação Regional de Ensino do Núcleo Bandeirante, Subsecretaria de Educação Básica da SEDF.

9 ORÇAMENTO

Não haverá custo adicional, já que os professores serão remunerados pela própria secretaria de educação do DF, pois estarão exercendo meramente suas atribuições, e já o parceiros farão de forma voluntária com encontros em momentos específicos. Portanto o desenvolvimento será realizado utilizando a estrutura e conjuntura institucional da SEDF.

10 ACOMPANHAMENTO E AVALIAÇÃO

A avaliação será submetida ao conselho escolar da instituição de ensino ao final do ano letivo, destacando a participação dos responsáveis pelos estudantes, professores, direção e a toda comunidade escolar. Serão avaliados por intermédio de provas escritas e pesquisas de campo, trabalhando os eixos temáticos de diversidade e direitos humanos do currículo em movimento.

11 CONCLUSÃO

A capoeira atualmente representa uma legítima manifestação brasileira e sua miscigenação com a cultura africana. A capoeira é conhecida mundialmente e já é considerada uma das referências culturais do Brasil no exterior, portanto mostra-se um instrumento para conhecer a história do Brasil e combater preconceitos.

Contudo, até um passado recente, a capoeira era marginalizada e proibida por ter uma origem negra afro-brasileira tida até como prática subversiva de escravo que almejava liberdade. A capoeira nasceu no Brasil, mas isso só foi possível, em virtude da miscigenação forjada entre as nações que originaram o Brasil, como negros africanos, portugueses e indígenas. Porém, como era uma criação

de uma camada explorada e escravizada, era estigmatizada como um ritual primitivo e atrasado. Quando a capoeira manifestou seu potencial como luta marcial, ela foi perseguida e proibida.

No período colonial a capoeira era vislumbrada nas senzalas como festejo dos escravos, a partir do momento que foi reconhecida como treinamento marcial, foi proibida nas senzalas pelos senhores de engenho. Mesmo após a abolição, a capoeira continuou a ser cerceada e perseguida até ser considerada sua prática como atividade criminosa. Neste momento, no início da República Velha, no século XIX, o Estado Brasileiro, utilizando a lei penal, tentou extirpar a capoeira da história do Brasil. Os praticantes eram tratados como criminosos e eram presos e sofriam castigos físicos.

Porém, em meio de tanta brutalidade, a capoeira resistiu e no governo de Getúlio Vargas foi liberada a primeira academia de capoeira em Salvador-Bahia, a academia do professor Manuel dos Reis Machados, o mestre Bimba.

A abertura da academia do mestre Bimba foi o momento que o Estado brasileiro deixava de ver a capoeira como inimiga e criadora de distúrbios para tornar-se algo que o governo deveria promover.

O presidente Vargas chegou a denominar a capoeira como esporte genuinamente brasileiro. Todavia, a capoeira teria muito a realizar para ter o seu merecido reconhecimento como expressão cultural do Brasil.

A capoeira foi espalhada pelo Brasil, sendo que em todo país temos milhões de praticantes, trabalhando em projetos sociais de inclusão de comunidades consideradas de risco social. Algumas escolas adotam a capoeira como disciplina pontuando a história da África e do Brasil e a tolerância cultural e erradicação do racismo.

A capoeira após ser implacavelmente perseguida pelo o Estado brasileiro durante o século XIX e metade do século XX, atualmente, no século XXI, deve ser preservada como patrimônio imaterial do Brasil.

Ainda, historicamente e juridicamente, a opressão foi mais promovida do que sua preservação. O reconhecimento cultural da capoeira como patrimônio passa pela valorização dos seus praticantes e divulgadores, tais como mestres e professores. O mestre da capoeira é um educador popular e sua prática e conhecimento, hoje, é de interesse do Estado do Brasil, ironicamente, antes seu algoz.

A relação existente entre as diferentes partes desta pesquisa apresenta justamente na demonstração da evolução da capoeira como prática não aceita pelo Estado Brasileiro no século XIX até se reconhecida como expressão cultural do Brasil, com direito de políticas públicas para sua efetiva manutenção.

Contudo Segundo Capoeira (2006), a manifestação cultural da capoeira teve uma trajetória de aceitação e reconhecimento fez com que percorresse o mundo. Reconhecida como dança e luta, a capoeira já foi ensinada em quartéis como defesa pessoal e em escolas como atividade socializadora e lúdica para crianças, adolescentes e adultos.

A capoeira, como já foi comprovada em pesquisas, é um instrumento de inclusão social que permite resgatar da criminalidade jovens e adultos. A prática da capoeira é reconhecida na contemporaneidade, como incentivadora do estudo da história do Brasil e da África, promotora de

qualidade de vida e de sustentabilidade. A capoeira mostra-se como uma ação de cidadania. Estando presente em escolas de ensino fundamental, médio e superior.

O objetivo do presente projeto é demonstrar que historicamente e juridicamente a capoeira se deslocou da condição de inimiga do Estado e torna uma manifestação de destaque popular, mas que embora seja patrimônio brasileiro, ainda precisa de mais fomento para que ela conserve seus elementos culturais do Brasil, e para que os antigos mestres possam continuar formando novas gerações com os ideais e filosofia ensinada na prática da capoeira. A capoeira é considerada um instrumento pedagógico para promover o debate sobre história do Brasil e combate aos preconceitos.

Trazer o estudo e a pesquisa da capoeira no âmbito jurídico, vislumbrando que o Estado brasileiro ao longo de seu desenvolvimento já perseguiu e cometeu atos contra diversidade cultural e que atualmente com a Constituição de 1988 e o novo paradigma do direito ambiental, promove a diversidade cultural e racial, especialmente, fomentando a preservação da capoeira e sua cultura ancestral. A cultura, em particular a capoeira, objeto do presente estudo, são elementos que devem ser analisados, não só na antropologia ou na história, mas também no campo jurídico do Direito. Pois o direito nada mais é que a precipitação dos anseios e do dinamismo social. O direito é tão dinâmico e se aprimora conforme o passar do tempo e da evolução da sociedade. Que instituições como a escravidão, antes base do Estado, foram extirpadas e ações afirmativas foram promovidas para sanar as querelas deixadas por ela.

A capoeira foi vítima da estrutura escravocrata e, hoje, recebe o reconhecimento de uma democracia numa sociedade que estimula a diversidade cultural dos diversos grupos que a compõe, embora ainda deva evoluir e ostensivamente fomentar a cultura nacional.

No ramo do Direito deve-se quebrar o paradigma que a cultura brasileira não é objeto jurídico e que deve ser discutida diante este cenário. Quando foi desenvolvida a pesquisa sobre capoeira, analisando-se seus aspectos jurídicos e históricos. Quando a capoeira era contra a lei e agora que a lei é sua protetora e divulgadora. Como a lei em determinado momento pode tentar extinguir um comportamento, e o comportamento, mudar a lei. A prática da capoeira e os movimentos sociais influenciaram os poderes executivos, legislativos e o judiciário. A capoeira obteve a vitória de revogar leis e dispositivos legais que atentassem para sua prática, atualmente revertendo à situação e criando novos dispositivos legais com amparo constitucional de proteção, ou seja, o Estado brasileiro deve ser o principal fomentador desta manifestação cultural.

A perspectiva da presente pesquisa foi demonstrar a evolução histórica da capoeira como atividade marginal e até na atualidade no reconhecimento como prática educativa. O dinamismo dos costumes e do direito que refletem a mudança de comportamento da sociedade e de suas leis ficaram demonstrados na trajetória da manifestação da capoeira no decorrer da história do Brasil. Antes, uma atividade pouco conhecida, através de movimentos da sociedade, hoje, é patrimônio imaterial do Brasil .

Segundo FREIRE (1987), promover uma prática educacional que possibilite desenvolver a criticidade dos estudantes, e não mais repetir ensino de educação bancária em que o professor deposita o conhecimento como se o estudante fosse um mero receptáculo, sendo assim uma escola

que aliena, e reforça a dominação dos opressores em relação aos oprimidos. A escola conservadora procura acomodar ideologicamente os estudantes ao mundo existente, já o ensino defendido pelo professor supracitado tinha a intenção de inquietar os estudantes, provocar a emancipação da condição de oprimido, portanto trazer o ensino da capoeira para a educação escolar na Educação de Jovens e Adultos, pode provocar na relação ensino aprendizagem a inquietação necessária para a o despertar crítico do estudante.

12 REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Rodrigo e PIMENTA, Letícia. Capoeira. Brasília: AORI, 2009.

BRASIL. Legislação de Direito Ambiental, 3 ed. Decreto nº 3551, de 4 de agosto de 2000, São Paulo: Rideel, 2008.

BRASIL. Constituição Federal (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. Artigo 215 e artigo 216.

BRASIL. Convenção para salvaguarda do patrimônio imaterial, 2003. Disponível em: www.iphan.gov.br. Acesso em 2015.

BRASIL. Projetos Políticos Pedagógicos do Centro Educacional 01 do Guará de 2009 e 2010.

CAMPOS, Hélio. Capoeira na Universidade. Salvador: EDUFBA, 2001.

CAPOEIRA, Nestor. Capoeira, Pequeno Manual do Jogador. São Paulo: Record, 2006.

CAPOEIRA, Nestor. Capoeira, Galo já cantou. São Paulo: Record, 2003.

CRUZ, José Luiz Oliveira. Capoeira Angola – Do iniciante ao mestre. Rio de Janeiro: Pallas, 2006.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda-O dicionário da língua portuguesa. Curitiba: Ed. Positivo.

HEINE, Vinicius e SILVA, Gladson de Oliveira. Capoeira, um instrumento psicomotor para a cidadania. São Paulo: Phorte, 2008.

LUSSAC, R. Martins Porto. Estudo da metodologia do ensino da capoeira – RF, ano 15, nº 84, 1996.

MUNIZ, Sondré. Corpo de Mandinga. Rio de Janeiro: Manati, 2002.

FREIRE, Paulo, Pedagogia do oprimido, 17ª. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

PELEGRINIE C. A, S. e FUNARI, P. P. O que é patrimônio cultural imaterial. São Paulo: Brasiliense, 2008.

REGO, W. Capoeira angola – Ensaio sócio-etnográfico. Salvador: Itapuã, 1968.

REIS, André Luiz Teixeira. Educação física e capoeira – saúde e qualidade de vida. Brasília: Thesaurus, 2001.

REIS, André Luiz Texeira. Capoeira, saúde e bem-estar social. Brasília: Thesaurus, 2006.

RODRIGUES, Raimundo Nina. Os africanos no Brasil. São Paulo: Madras, 2008.

SANTOS, M. A. Bechara. Capoeira: um esporte que educa. Jornal Muzenza, Curitiba, ano 1, nº 07, 1995.

_____. Secretaria de Estado de Educação. Currículo em Movimento – Educação de Jovens e Adultos (Versão para Validação). Livro 7. Brasília: SEEDF, 2013.

SILVA, Eusébio Lobo da. O corpo na capoeira. Breve panorama: histórica da capoeira. Campinas, São Paulo: Unicamp, 2008.

SOARES, Carlos Eugênio Líbano. A negrada instituição. Rio de Janeiro: SMC, 1994.

TAVANES, J. L. S. Dança da guerra. Brasília: Dissertação de mestrado, UnB, 1984. .

VIERA, L. S. de Souza. Da capoeira: como matriz cultural. São Paulo: tese de doutorado, 2004.

<http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=66049>

